

COMUNICAÇÃO EM LIBRAS E A PRESENÇA DE PESSOAS SURDAS EM ESPAÇOS CULTURAIS DE FORTALEZA (CE): Fronteiras e possibilidades¹

COMMUNICATION IN LIBRAS AND THE PRESENCE OF DEAF PEOPLE IN CULTURAL SPACES IN FORTALEZA (CE): Boundaries and possibilities

Tamara Vieira da Silva ²

Resumo

A presença de pessoas surdas em espaços de promoção cultural alcança complexidades subjetivas, linguísticas e políticas; que, neste caso, tem composto vivências minhas em Fortaleza. Com isto compartilho uma pesquisa-ação realizada na Pinacoteca do CE a fim de refletir sobre como marcadores sociais das diferenças como deficiência, língua, classe e raça; são acionados interseccionados com o marcador da surdez. Considero, ainda, que há uma diversidade e peculiaridades que distinguem pessoas surdas dos demais grupos de pessoas com deficiência – assim como dentro do próprio grupo de pessoas surdas, que são o uso de uma língua legitimada por lei, a ressignificação da deficiência como marca identitária e a luta pelo reconhecimento de uma cultura própria motivada por esses dois elementos anteriores. Posto isto, discuto aqui como a língua de sinais se articula com aspectos culturais de instituições a partir da presença de pessoas surdas nelas e dos marcadores que estas carregam.

Palavras-chave: Surdez, Língua, Cultura

Abstract

The presence of deaf people in spaces of cultural promotion reaches subjective, linguistic and political complexities; which, in this case, have made up my experiences in Fortaleza. With this, I share an action-research project carried out at the Pinacoteca do CE in order to reflect on how social markers of difference such as disability, language, class and race are activated and intersected with the marker of deafness. I also consider that there is a diversity and peculiarities that distinguish deaf people from other groups of people

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na data de 12 de setembro de 2024, no Grupo de Trabalho Estudos sobre Deficiências, Marcadores Sociais da Diferença e Experimentações Teórico-Methodológicas no evento 7º Simpósio Internacional da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

² Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação Associado entre Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/ Universidade Federal do Ceará. Especialista em Língua de Sinais de Brasileira - Tradução e Ensino pela Universidade 7 de setembro. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Atua como Tradutora/Intérprete em Língua de Sinais Brasileira na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab. Tem experiência como Pesquisadora na área de Antropologia, com ênfase em Estudos sobre Surdez, Deficiência e Inserção Social. E como Tradutora nas áreas da Educação e Artes com perspectiva afro-referenciada.

with disabilities - as well as within the group of deaf people itself, which are the use of a language legitimized by law, the re-signification of disability as an identity mark and the struggle for recognition of their own culture motivated by these two previous elements. Having said that, here I discuss how sign language is articulated with cultural aspects of institutions based on the presence of deaf people in them and the markers they carry.

Keywords: Deaf, Language, Culture

INTRODUÇÃO

A presença de pessoas surdas em espaços de promoção cultural em Fortaleza, tem-se configurado em um cenário composto também por pessoas ouvintes; e que, por sua vez, remete a um campo cuja compreensão se complexifica na medida em que consideramos seus contornos subjetivos, linguísticos, corpóreos e políticos.

As minhas vivências enquanto pesquisadora, antropóloga, tradutora e intérprete em língua de sinais, ouvinte e irmã de uma pessoa surda, tem me permitido acessar esse universo relacional configurado por pessoas surdas e ouvintes em esferas familiares, educacionais e institucionais.

Entendendo a surdez como um marcador social da diferença, consideramos que esta pode ser analisada a partir de pessoas que se autoidentificam como surdas e acionam como aponta os estudos de Anahi Mello (2006), Eudênia Barros (2015) e Tamara Vieira (2022) uma diversidade de condições de acesso à comunicação e à informação a partir de peculiaridades que distinguem as pessoas surdas dos demais grupos sociais de pessoas com deficiência – assim como dentro do próprio grupo de pessoas surdas, tais como: o uso de uma língua visual-espacial legitimada por lei, a ressignificação da deficiência como marca identitária, a luta pelo reconhecimento de uma cultura própria e além disso, estruturas de poder que interferem nessas condições marcadas pela classe social, raça e lugar de origem dessas pessoas.

Segundo a definição legal brasileira a Língua Brasileira de Sinais – Libras é definida, como consta na Lei nº 10.436/2002, como “[...] a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (BRASIL, 2002). E a partir do que consta no Decreto nº 5.626/2005, a pessoa surda é “[...] aquela que, por perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005).

Historicamente o uso e reconhecimento dessa língua segundo Carlos Assis Silva (2012) é complexo e não linear; pois, além do trâmite na instância federal, que durou de 1996 a 2002, essa língua foi reconhecida também em outras localidades, nos planos municipal e estadual (p. 192); assim como se constituiu num campo de disputa dentro de comunidades surdas, acadêmicas, associações; envolvendo pessoas ouvintes e surdas. Nessas disputas discursos sobre surdez a partir de uma perspectiva cultural e identitária se fortalece a partir do parâmetro linguístico que compõem a comunicação desse público com a sociedade como um todo.

Aproximam-se então profissionais, pesquisadoras, professoras surdas e ouvintes aos movimentos em defesa da língua de sinais e da surdez como um marcador de diferença cultural, de uma maneira que, se torna perceptível a articulação entre academia e militância social de comunidades surdas quando pessoas surdas foram se apropriando destes discursos utilizando conceitos como cultura, identidade, dentre outros. No Brasil, a Libras se consolida então, em um contexto histórico como nos conta Carlos Assis Silva (2012), caracterizado por movimentos sociais ativistas, religiosos e intelectuais que configuram o que se chama movimento da comunidade surda.

Pensando a partir dessas discussões e vivências espaços de promoção cultural em Fortaleza, somam-se trabalhos que venho fazendo em peças teatrais, performances e apresentações musicais interpretando o que estava sendo dito em português, na modalidade oral-auditiva para a língua de sinais brasileira; e, considerando, a experiência mais recente, atuando como intérprete em mediações culturais com a parceria de arte-educadoras(es) surdas(os) e outros(as) intérpretes, de uma maneira que fui me movimentando ao campo de atuação para esta pesquisa que será aqui apresentada.

Pretendo aqui compartilhar as ações que desenvolvemos – eu e as pessoas interlocutoras desta pesquisa; a partir de registros fotográficos, transcrições e traduções as primeiras reflexões que fomos tendo ao longo da construção e efetivação da atividade final apresentada: uma visitação em língua de sinais pelo acervo da Pinacoteca do Ceará³. Para isso rememoro esta ação fazendo o resgate de relatórios, relatos e fotografias realizados no período da pesquisa à luz das referências bibliográficas apresentadas com a finalidade de apontar discussões sobre surdez, língua de sinais, trocas e comunicação em espaços de promoção cultural entre pessoas surdas e ouvintes.

³ A Pinacoteca do Ceará é um museu integrante da Rede Pública de Equipamentos da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult -- CE). Inaugurada em dezembro de 2022, tem a missão de salvaguardar, preservar, pesquisar e difundir a coleção de arte do Governo do Estado, sendo espaço de ações formativas com artistas, comunidade escolar, famílias, movimentos sociais, organizações não-governamentais e demais profissionais do campo das artes e da cultura. Trata-se de um espaço de experimentação, pesquisa e reflexão para promover o diálogo entre arte e educação a partir de práticas artísticas. Fonte: <https://pinacotecadoceara.org.br/pinacoteca-do-ceara/> Acesso em 16 de novembro de 2024.

RECURSOS E MÉTODOS DE APROXIMAÇÃO COM O CAMPO

O interesse por refletir e experienciar a ocupação da pinacoteca com outras pessoas surdas surge da primeira vez em que estive no equipamento e me senti atravessada por algumas obras da exposição “Negros na Piscina”. Esses questionamentos me vieram quando enxerguei nos registros, instalações em vídeos, esculturas e peças que fazem parte desse acervo, que me fizeram lembrar memórias em família. Na ocasião eu estava com a minha irmã, uma pessoa surda; e pensei: quais campos as memórias de pessoas surdas acessam quando acessam essa exposição? O que nos aproxima? O que nos distancia? Quais as fronteiras entre pessoas surdas e ouvintes que possam ser exploradas em uma visita neste espaço, por exemplo.

Quando surge então a oportunidade de atuar como pesquisadora a partir do I Edital de Pesquisa e Criação da Pinacoteca, no eixo Arte-Educação e Acessibilidade consigo acionar um grupo de pessoas surdas para visitarem a Pinacoteca do estado do Ceará e elaborá-la.

O levantamento de quais pessoas participariam da visita foi feita a partir de um formulário de inscrição virtual em foram coletados nomes completos, *e-mails*, número para contato, idade, documento de identificação, lugar onde mora, identificação racial e restrições alimentares.

Figura 1

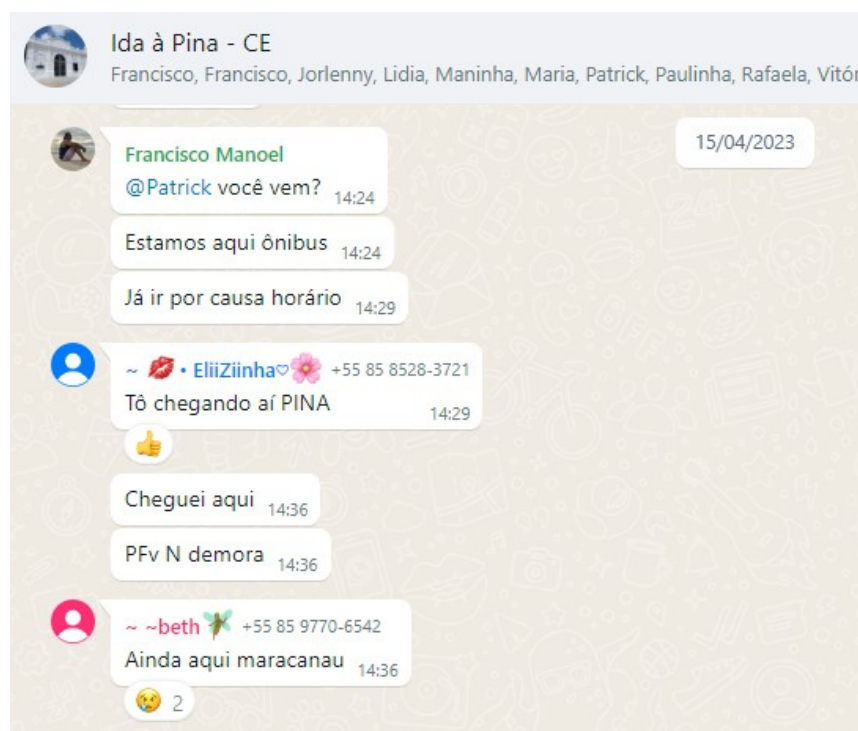


Essas informações foram coletadas entendendo-as enquanto relevantes para compreendermos quais pertencimentos poderiam ser acionados durante a visita, tais como raça, geração e lugar de origem. No que diz respeito ao quantitativo de respostas que tivemos contamos

com a inscrição de 24 pessoas surdas, entre 15 e 37 anos, que se autodeclararam pardas (17), pretas (7) e brancas (4). Dentre esse número tivemos 4 pessoas moradas de Redenção, 8 de Maranguape, 10 de Maracanaú⁴ e 2 de Fortaleza – capital do Ceará.

A partir desse número de pessoas criamos um grupo de troca de mensagens em um aplicativo de celular a partir do qual fomos nos organizando no que envolveu data, horário, saída do transporte (disponibilizado pela Pinacoteca) e articulações de ponto de encontros.

Figura 2



Conseguimos realizar então a visita com um grupo de 11 pessoas surdas divididas entre moradoras de Guaiuba, Maranguape, Maracanaú e Fortaleza. O percurso contou com uma curadoria de obras feita por mim e a professora orientadora da pesquisa – a partir de estudos e imersão feitas também com colegas da equipe de pesquisa. A mediação da visita foi feita por mim e pelo arte-educador surdo Weverson Martins, em colaboração com um arte-educador ouvinte fluente em língua de sinais, uma arte-educadora ouvinte com fluência básica em língua de sinais e com a tradução/interpretação de duas profissionais tradutoras/intérpretes em Libras.

⁴ Municípios de até 55 km de distância de Fortaleza.

Figura 3



Figura 4



Essa pesquisa cumpriu com seu objetivo que foi o de apresentar a comunidades surdas o acervo da Pinacoteca, assim como das atividades que o equipamento estava propondo através de uma construção em parceria com pessoas surdas. Assim, a fim de cumprir esse objetivo alguns

passos foram dados que podem ser lidos como os objetivos específicos desta pesquisa-ação: analisar do acervo atual da Pinacoteca; fazer curadoria das obras e exposições; estudar as obras e exposições escolhidas em língua de sinais e em parceria com um arte-educador surdo; convidar pessoas surdas para acessarem o equipamento; e disponibilizar transporte para o deslocamento do grupo pertencentes às regiões distantes da capital do estado.

Nessa pesquisa contamos então como produto final uma visitação pelo acervo mediada em língua de sinais, com interpretação para o português para as pessoas ouvintes presentes, entendemos, assim, a pinacoteca como um espaço de acessos, formações, pesquisas e de sensibilização.

Figura 5



Figura 6



Figura 7



CURADORIA DAS OBRAS: FRONTEIRAS E APROXIMAÇÕES A PARTIR DO ACERVO

Considerando a possibilidade de que experiências entre pessoas surdas e ouvintes possam estabelecer fronteiras entre si, acessamos a partir dessa ocupação vivências em comum trazidas a partir de memórias acionadas durante o percurso pelas obras referenciando lugares de origens e históricos familiares que se aproximaram naquele momento.

A equipe de pessoas que foi sendo acionada para somar a este trabalho envolveu pessoas surdas com as quais eu trabalho atualmente, com a minha irmã, com pessoas surdas que já trabalhei e com pessoas surdas que foram convidadas por outras pessoas surdas, mas que ainda não conhecíamos. Além disso, um dos conceitos intencionalmente pensado para ser acionado nessa visita foi o de “memória”, de uma maneira que, escolhemos obras que pudessem remeter a regiões do estado, festas em família, aprendizados com pessoas mais velhas e registros de álbuns fotográficos. Trago registros de algumas das obras que fizeram parte da mediação.

Figura 8 – Exposição Se Arar



Curas ou práticas que minha avó me ensinou,2021 ; Capim-santo,2021

Figura 9



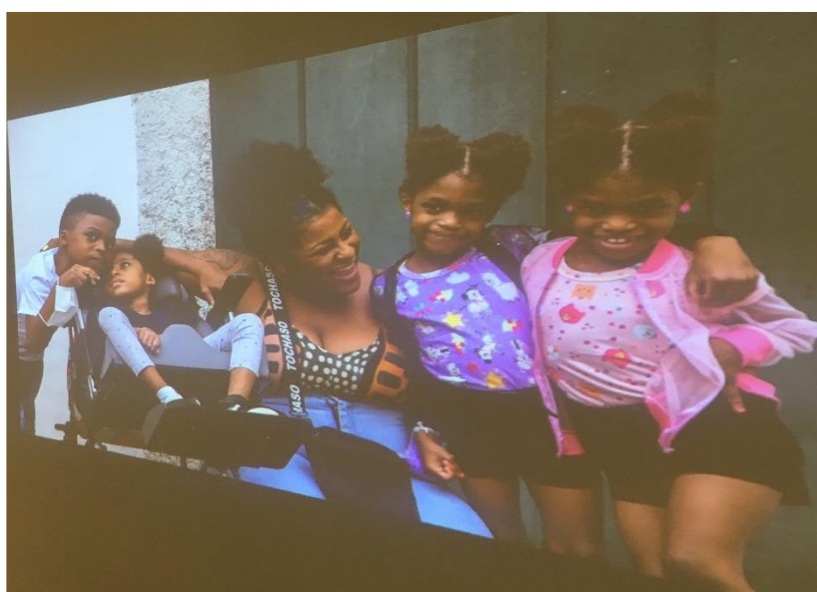
viveres,2020

Figura 10 - Exposição Negros da Piscina



aniversário de 6 anos da renatinha,1988

Figura 11



performance dia de folga,2021

Figura 12



série becas,1985

A partir das obras “curas ou práticas que minha avó me ensinou” e “capim-santo” compartilhamos memórias relacionadas às nossas avós, aos remédios naturais que elas usavam para nos curar de gripes, dores na barriga e febres; compartilhamos sobre como eram/são as casas das nossas avós, falamos sobre os quintais dessas casas, de como nós os acessávamos, de como nossas avós conheciam esse espaço e qual a função de cada planta que havia ali.

Lembro que quando sentia dor de barriga minha vó ia no quintal, eu lembro que ficava olhando ela pegando em cada planta, cheirando e vendo qual combinaria com o que eu estava sentindo. Lembro que geralmente ela fazia algum chá ou colocava em garrafas com água pra eu levar pra casa. (Interlocutor Surdo, março 2023, Fortaleza)

A partir do que compartilhamos sobre a obra “viveres” tivemos acesso a depoimentos de uma das participantes surda moradora da região metropolitana relatando sobre como lembrou do pai saindo para ir trabalhar em direção à estação de trem que tinha próximo de onde moravam, lembra também de fotografias do avô em uma estação parecida com a da foto e ficou pensando

sobre como o avô e o pai se deslocavam da região para a capital de trem, todos os dias, para trabalharem.

Essas três obras, “curas ou práticas que minha avó me ensinou”, “capim-santo” e “viveres” faziam parte da exposição “Se Arar”, uma exposição que reuniram artistas cearenses marcando a abertura da Pinacoteca do Ceará:

As obras imaginam o passado, o presente e o futuro do Ceará: como foi, como é, e como poderia ser. Quando as obras fabulam como foi o Ceará, elas entram no campo de disputa da memória e das narrativas “oficiais” de como foi o passado. Quando as obras fabulam como é o Ceará, elas entram no campo de disputa da interpretação de como é o presente. E quando as obras fabulam como poderia ser o Ceará, elas entram no campo de disputa da imaginação de como poderia ser o futuro. (Lucas Dilacerda, 2023, Fortaleza)

A fim de que memórias de pessoas surdas também pudessem compor e serem compostas pela exposição mencionada é que essa mediação foi pensada, a fim de que pudéssemos enquanto pessoas ouvintes e fazedoras daquele espaço também considerássemos confabular, ficcionar e construir memórias com outros corpos, a partir de outra língua e outra linguagem – pois entendo que essa disputa da imaginação está posta para todos os sujeitos. O que quero dizer com isso é que falas como as trazidas até aqui me remetem ao que Ceará foi e pode ser a partir de perspectivas outras – não só as que até então vinham sendo acionadas nesse espaço, já que esta foi a primeira visita, desde a sua inauguração, que aconteceu voltada para o público surdo, mediada por um arte-educador surdo e tendo como primeira língua a Libras – Língua Brasileira de Sinais.

TROCAS EM LÍNGUA DE SINAIS: LIMITES, POSSIBILIDADES E FRONTEIRAS

A fim de darmos continuidade às reflexões dessa escrita trago algumas pesquisas para nos conduzir. Com o objetivo de compreender como que agenciamentos e ocupações são possíveis e como essas podem realizar o que Camila Azevedo de Moraes Wichers (2020) entende enquanto fissuras, a pesquisadora ouvinte entende que narrativas de musealização e imagéticas conformam imagens de controle na medida em que elaboram a configuração dos museus imbricada com colonialismos e imperialismos, de uma maneira que, marcadores sociais das diferenças são identificados atravessados e sustentados pela colonialidade.

(...) se por um lado o cenário da musealização e da comunicação da arqueologia é marcado por pagamentos e exclusões, por outro lado, experiências tem buscado operar nas fissuras da colonialidade, em museus comunitários, em museus ditos tradicionais ou em políticas de restituição. Representações não dizem respeito apenas à políticas identitárias, elas reproduzem a ordem colonial, o que pode significar a morte simbólica,

e também física, daqueles que não se enquadram na norma. Por isso, urge repensarmos as narrativas que construímos. (WHICHERS, 2020, p. 228)

Em diálogo com essa compreensão trago Sabrina Ribeiro – artista visual, educadora e pesquisadora surda; e Priscila Arantes – pesquisadora, crítica e curadora ouvinte (2022) que discutem a importância do protagonismo surdo em museus de um modo que partem da hipótese de que:

(...) se houver de fato um protagonismo surdo nos museus, em toda sua plenitude, desde exposição de artistas surdos, para público surdo e com educadores surdos, isso possibilitará uma melhor consolidação da cidadania surda, tanto no sentido de desinvisibilizar artistas surdos, como de garantir emprego qualificado para profissionais surdos e ainda, estimular a frequência do público surdo em museus e demais espaços culturais. (RIBEIRO E ARANTES, 2022, p. 20)

E referencio também o arte-educador surdo Leonardo Castilho e a tradutora Carolina Fomin (2019) quando consideram o potencial educativo-cultural de iniciativas como estas. Para ambos, a inclusão de pessoas com deficiência nessas dinâmicas significa promover e garantir condições de igualdade no exercício dos direitos e das liberdades fundamentais dessas pessoas.

(...) convidar o surdo a fazer parte da elaboração de projetos e a participar ativamente do processo de construção dessas iniciativas. É imprescindível voz ativa na construção coletiva, onde as diferenças tornam-se um valor e o museu ganha uma língua visual com toda sua potência de criação artística. Dessa forma, por meio da instituição, a arte e a cultura atuam como disparadores de processos de trocas de experiências e formação identitária, trazendo o público surdo ao protagonismo na construção da sociedade que deseja viver. (FOMIN E CASTILHO, 2019, p. 251)

Assim, entendo que pensarmos acerca das narrativas e performances que vêm sendo construídas em equipamentos culturais se torna relevante, inclusive quando destacamos que tais iniciativas se dão em conexão com políticas públicas de incentivo à cultura, bem como com a busca por tornar acessível artefatos culturais produzidos em nossas sociedades.

Durante essa ação aqui compartilhada, percebemos que o público foi construindo suas formas de ocupação nesse espaço, que a entendo enquanto determinada pela comunicação que foi utilizada: em língua de sinais – uma língua visuoespacial, a partir da formação de rodas de conversa diante das obras selecionadas.

Explico: a roda de conversa foi pensada como um momento após a visita mediada, direcionada para outro espaço. Porém, na medida em que a mediação foi acontecendo as pessoas surdas que estavam presentes foram se organizando em rodas diante de cada obra exposta e debate proposto a partir delas, pois a cada necessidade de fala alguém sinalizada: “VAMOS AQUI

OLHAR, POR FAVOR VEM AQUI FRENTE PORQUE ATRÁS NÃO DÁ VER, PRECISA VISUAL COMUNICAÇÃO”.

Considerando a interpretação que hoje faço acerca desses momentos entendi que a mediação não estava mais sendo feita apenas pelo que nós enquanto proponentes havíamos planejado, ou a partir do que até então tínhamos como ideia; mas também pelas demandas e agenciamentos feitos ali no momento da visita. Assim, se revisitarmos os registros do dia vamos ver as rodas que se formaram em torno das obras para que as sinalizações ali feitas fossem acessadas por todas as pessoas do grupo. Exemplo de um desses momentos:

Imagem 13



Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16



Como produto final da pesquisa desenvolvida naquele período consideramos que a pesquisa oportunizou ao equipamento da Pinacoteca do Ceará a oportunidade de trabalhar com um público de pessoas surdas sinalizantes e que acionaram instâncias físicas do espaço de uma forma diretamente relacionada com essa condição comunicativa. Considerando, então, que ocuparam o espaço que com gestos, sinais, círculos, expressões faciais e corporais como um todo. Essa ocupação permitiu que profissionais da instituição tivessem o primeiro contato com um público composto majoritariamente por pessoas surdas e com uma mediação realizada a partir da língua de sinais como primeira língua de acesso.

CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUARMOS O DEBATE

Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) trazem ainda interseccionalidade como uma práxis crítica que permite o uso do conhecimento teórico em função da promoção de ações sociais, na vida prática em prol de justiça social. No caso dessa pesquisa, a intencionalidade é o engajamento com vivências de pessoas e comunidades surdas, considerando suas demandas enquanto grupo de pessoas historicamente privadas de direitos. Acredito, portanto, que seja possível estabelecer uma relacionalidade entre esses marcadores sociais e sistemas de opressão que configuram as relações investigadas no campo em questão.

Fazendo então uma leitura da surdez a partir de uma lente etnográfica referencio Pedro Lopes (2019), de que não compete a antropologia uma compreensão apartada entre corpo, mente e relações sociais. Portanto, interpretar antropologicamente surdez significa trazê-la perpassadas por particularidades vividas enquanto substrato social articulada com condições corporais.

Considerando essas percepções, o caminho proposto aqui é mostrar um ponta pé inicial para possíveis análises de espaços de promoção cultural em Fortaleza a partir de sua ocupação por pessoas surdas, considerando as performances em língua de sinais que passam a compor esses equipamentos.

Com esse caminho percorrido entendemos que é fundamental ocuparmos esses equipamentos com pessoas que se interessem por essa investigação e que possam contribuir para formarmos olhares diversos sobre essas atuações em espaços de promoção cultural, não só em Fortaleza, mas também em se tratando de Brasil e fora do país. Esse início de investigação aponta para atentarmos sobre as formas de comunicação, agenciamento e atuações que apontam para especificidades e práticas envolvendo públicos de pessoas surdas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Eudênia Magalhães. **Ações Coletivas, Identidade e Mobilizações Políticas: Movimento Social Surdo e a Luta Por Reconhecimento.** 2015. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

BRASIL. **DECRETO nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei 82 nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 21 abr. 2016.

BRASIL. **LEI nº 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua de Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm Acesso em: 21 abr. 2016.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2020.

DILACERDA, Lucas. **Cearás Fabulados.** Disponível em: <https://pinacotecadoceara.org.br/exposicoes/bonito-pra-chover/se-arar/> Acesso em: 17 nov. 2024.

FOMIN, Carolina Fernandes; CASTILHO, Leonardo. **O educador surdo e o tradutor intérprete de libras na mediação cultural:** um estudo de caso no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Petrópolis: Arara Azul, 2019, v. I. (p. 224-256)

MELLO, Anahi Guedes. **O modelo social da surdez:** um caminho para surdolândia? **Revista Mosaico Social.** Florianópolis, ano 3, n. 3, 2006. (p. 55-75)

LOPES, Pedro. **Deficiência como categoria de análise:** trânsitos entre ser, estar e se tornar. *Anuário Antropológico*, v. 44. n. 1, 2019. (p. 67-91)

MORAES-WICHERS, Camila Azevedo. **Arqueologia, processos de musealização e representação no Brasil:** enredos da colonialidade, fissuras e contranarrativas. In. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*. Vol. 9 No. 2, 2020. (p. 228)

RIBEIRO, Denise Sabrina. ARANTES, Priscila. **Cultura Surda em museus:** o lugar de fala na mediação de surdos. *DAT Journal - Design, Arte e Tecnologia*, v.7 n.4 2022.

SILVA, César Augusto de Assis. **Cultura surda:** agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. (p. 192)

SILVA, Tamara Vieira. **Histórias de vida e corporeidades:** ingressos de pessoas surdas na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. 2022. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira, Fortaleza, 2022.